

## **O OFÍCIO DO HISTORIADOR A PARTIR DA HISTÓRIA DAS SENSIBILIDADES: POSSIBILIDADES E DESAFIOS**

*Maria Joedna Rodrigues Marques<sup>1</sup>  
Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto<sup>2</sup>*

### **Introdução**

Este artigo pretende discutir o ofício do historiador partindo da área do sensível, que é uma ramificação do campo da História Cultural, visando um novo olhar sobre personagens ignorados e invisíveis à historiografia. A análise surge da tentativa de compreender os novos rumos do pesquisador histórico, diante dos desafios e das possibilidades proporcionadas pela História das Sensibilidades. Como aporte para a discussão, utilizamos Corbin, “O prazer do historiador” (2005) e Pesavento, “Sensibilidades: escrita e leitura da alma” (2007), buscando suas posições sobre as produções e os desafios enfrentados por aqueles que decidem optar pelo caminho do sensível.

Assim, este texto inicia com uma breve contextualização dessa nova área, História das Sensibilidades, que abordamos no primeiro tópico. Pensando as propostas de um novo olhar, nos questionamos de como ofício do historiador pode ser ou não alterado diante dos novos problemas que trazem essa nova perspectiva. Em seguida, no segundo tópico, diante de indagações que perpassam a escrita e o próprio posicionamento do historiador, percebemos novas exigências atribuídas por essa área.

Nosso ofício se mostra como resultante de escolhas que vão além dos interesses do historiador, sendo pautado nas condições e causas sociais; além de uma intrínseca relação com o mercado, que abriga e orienta algumas produções historiográficas. No entanto, o foco de discussão tem por base o modo como os historiadores lidaram com seus objetos de pesquisas pautados em uma escrita das sensibilidades. Assim, a problemática deste texto é como as novas possibilidades e desafios abrangem o historiador ao escolher trabalhar na área.

Dessa forma, analisamos aspectos que são fundamentais ao trabalho do historiador, as novas possibilidades partindo das fontes e de outras áreas de conhecimento. Lidar com esses vestígios exigem, geralmente, uma interdisciplinaridade

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande/ campus Cajazeiras - PB. E-mail: joednnarodrigues@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade Federal de Campina Grande/Campus Cajazeiras - PB. E-mail: nassausiegen@yahoo.com.br

entre a História e disciplinas como Antropologia, Química, Física, Biologia, Psicologia e a Psicanálise, entre outras. Essa exigência é decorrente da complexidade, do estado das fontes e para melhor compreensão dos signos presentes nos vestígios ou nas entrelinhas.

É importante destacar a necessidade de um olhar treinado e o uso da sensibilidade para analisar e registrar as histórias. Não devemos esquecer que nossas falas concretizam discursos e marcam posições; É necessário cautela, já que na maioria das vezes não temos os sujeitos de nossas pesquisas para concordar, discordar, apoiar ou ser contrário as nossas falas.

### **Possibilidades e desafios**

A História das Sensibilidades se apresenta como uma nova possibilidade de visualizar o indivíduo ou grupo enquanto suas particularidades, ou seja, a singularidade proporcionada pelas vivências e sentimentos. O sensível se mostra como caminho possível a partir da difusão das fontes e dos objetos que ocorrem pela Escola dos Annales. Com foco na subjetividade, essa área é uma ramificação da História Cultural. Partindo da forma de como se pensa nesse campo, possui como objetivos problematizar as representações e imagéticas que marcam e constroem discursos. Segundo Sandra Jatahy Pesavento, Johan Huizinga apresentou, em 1924, a primeira obra historiográfica pautada no contexto do sensível. Para ela este:

[...] lidava com os sentidos conferidos à vida em um momento dado da história, alertando para diferença entre as formas de agir e pensar dos homens de uma outra época e a nossa e para as formas de recuperar estas sensibilidades do passado, para além das tradicionais fontes usadas pelos historiadores (PESAVENTO, 2007, p. 9).

Assim, Huizinga nos permite analisar que, para a construção do sensível, é necessário ultrapassar o apego às fontes tradicionais, visto que essas produções não possuíam um caráter íntimo. A História das sensibilidades se preocupa com singularidades antes não perceptíveis ou interessantes de serem abordadas nas produções historiográficas. Além disso, a posição do historiador deve estar atenta ao lidar com homens de outro tempo e com visões de mundo diferentes e distantes do seu presente. Como aponta Alain Corbin, lidamos em sua maioria com um particular

distante no tempo e no espaço, assim “Cada sociedade vive no interior de um arcabouço temporal, e mesmo, cada indivíduo” (CORBIN, 2005, p. 19).

Um elemento primordial na construção de produções vinculadas ao sensível parte da escolha e interpretação das fontes. Já destacado por Huizinga, a utilização de materiais que trazem em seus contornos, linhas, imagens e representações da subjetividade, principal foco de análise do sensível. Para encontrar “registros da alma, traços do mundo sensível de uma outra época” (PESAVENTO *apud* HUIZINGA, 2007, p. 15), é comum o uso de diários, literatura, artes, música e as próprias relações particulares e comuns de uma época, como o cheiro. A busca é pautada nas marcas da alma e no si que, pela primeira vez na historiografia, ganha espaço para se refletir sobre os sentimentos do outro, de outra época. Pesavento costuma utilizar a palavra resgate para as “apropriações” feitas sobre este singular passado, mas entende-se que não é a tentativa de reviver tais sentidos e sentimentos do passado. Trata-se de uma tentativa de compreender como um sujeito se percebeu diante dos acontecimentos ou até mesmo de como as ações construía significados de vivência e de si:

Recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou. O passado encerra uma experiência singular de percepção e representação do mundo, mas os registros que ficaram, e que é preciso saber ler, nos permitem ir além da lacuna, do vazio, do silêncio (PESAVENTO, 2007, p. 21).

Dessa forma, “Logo, este não é apenas um problema de fonte para o historiador, mas sobretudo, de uma concepção epistemológica para a compreensão da história” (PESAVENTO, 2007, p. 15), ou seja, vai além de utilizar certos tipos de fontes ou procurar certas relações com o íntimo. Ao escolher enveredar pelo campo do sensível a própria forma como se vê ou entende a história modifica-se, visto que o historiador tem a capacidade de construir um discurso que define e marca o seu objeto. Mesmo que seja uma interpretação, possui um caráter de autoridade nas suas produções. Ou seja, deve-se ter plena consciência das imagens construídas sobre o sujeito/objeto de pesquisa. Diante das diversas possibilidades se faz necessário o uso de ferramentas que auxiliam nos estudos e análise das fontes como a Antropologia, Química, Psicanálise, entre outras áreas de conhecimento. O uso de tais recursos pode ser interpretado como um dos desafios dessa área.

Diante das possibilidades que surgem com a área das Sensibilidades, enxergar um novo olhar sobre o objeto de pesquisa e sobre seu próprio ofício são apenas algumas das resultantes desta área. Mas também ao se escolher trabalhar as novas possibilidades, ganham-se novos desafios como a não aceitação de tais produções por alguns pares. Lidar com uma subjetividade assusta alguns pesquisadores que não consideram tais trabalhos.

Na academia esta se mostra ainda como uma batalha longe de se por um fim, apesar das grandes produções realizadas sobre o sensível, como as obras de Alain Corbin. Durante uma entrevista, Corbin nos alerta para a inércia que deve ser evitada pelo historiador ou professor de história: “Não se deve fazer sempre a mesma coisa, para que o prazer não se embote. Este é meu conselho...” (2005, p. 30). Fugir de concepções absolutas, de um único olhar e refletir sobre a própria função da História e do ofício do historiador são as principais contribuições permitidas ao trabalhar com as Sensibilidades. É desta forma que Pesavento nos convida a aceitar o desafio de fazer uma História das Sensibilidades: “se estudar sensibilidades é um desafio, é um ir além, é ter, possivelmente, mais dúvidas do que certezas, com relação ao passado, talvez aí resida o charme que se encontra presente em toda aventura do conhecimento... por que não aceitar o desafio?” (PESAVENTO, 2007, p. 21).

Assim, alguns problemas recaem sobre o pesquisador do sensível que vão das dimensões epistemológicas, fontes, treino do olhar, aceitação e produção historiográfica. Temos uma área inovadora que pauta no invisível ou ignorado, mas que exige uma nova postura. Partindo de experiências, valores, crenças dos quais não podemos nos separar, é necessário treinar o olhar para se produzir a História do sensível. E tal treinamento se inicia com a posição do historiador com relação ao seu objeto de estudo.

### **Entre reflexões e práticas: o historiador do sensível**

O ofício do historiador não é apenas voltado a apresentar uma problemática, fragmentando-a em um espaço e tempo. Ao historiador pertencem noites de estudos debruçados sobre os clássicos e novos teóricos, é necessário ser um eterno aprendiz. Não basta questioná-los, sem utilizar bons argumentos. O historiador lida com fatos ocorridos, é preciso saber interpretá-los. Salientando que raramente encontrará a fonte perfeita e caso a encontre, a sua indagação tornará fértil ou não. Dessa forma, como e o

que se questiona delimita o trabalho do historiador. Sendo o mesmo resultante de concepções e valores de sua época, é necessário ressaltar que é impossível se manter imparcial, seus valores e crenças não podem ser afastadas ou excluídas de si. Mas também é preciso treinar o seu olhar para não impor sua visão ou concepção acima do que permite ou mostra as fontes.

Seu ofício enfrenta alguns desafios que permeiam sua atuação, desvalorização e imposições do seu meio. Assim, nosso país, no qual o historiador não se mantém somente pesquisador, este tem de conciliar a pesquisa à docência. Dessa forma, essa área de atuação profissional também influencia no desenvolvimento do trabalho do pesquisador. A licenciatura proporciona que este ligue o fazer História ao alcance de um público não exclusivamente acadêmico. Seu ofício não está voltado absolutamente para os que se encontram na academia.

Visto que seu trabalho parte de interesses próprios e de outros elementos e fatores sociais. O próprio mercado editorial delimita e impõem como deve ser feita a produção historiográfica. No entanto, seu papel está além de produzir textos, sua posição influencia o seu meio.

Ao historiador se apresenta uma difícil e compensadora missão, elaborar escritos de um passado com foco nas ações, significados, representações, imaginário, discursos, o social, o indivíduo, o coletivo e como elemento fundamental de suas pesquisas, o homem. Este é o princípio de toda discussão historiográfica, Marc Bloch nos aponta que a história é a "ciência dos homens, ou melhor, dos homens no tempo" e ainda que "Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça" (BLOCH, 2001, p. 54-55).

No entanto, não é nosso objetivo discutir sobre o princípio básico do ofício do historiador, mas corroborar a partir de Marc Bloch que o foco da História e objeto central do historiador é o homem. E a História das sensibilidades nos permite um novo olhar sobre esse homem, seus sentimentos, emoções, ações e subjetividades.

Assim, com novas possibilidades de análises, algumas indagações são necessárias para entendermos as mudanças proporcionadas por esta área: qual alteração ocorre no ofício do historiador do sensível? Quais desafios enfrentados? Quais as possibilidades? Como solucionar ou contornar os desafios dessa área? Essas são questões que surgem com a nova forma de perceber o homem e que pretendemos responder, mas analisando dois aspectos definidores e resultantes da escolha do historiador: as fontes e a escrita.

## **As fontes**

A história das Sensibilidades possui particularidades que perpassam as fontes que o historiador utiliza em suas pesquisas, mas também a metodologia de análise e a própria forma de perceber a fonte. Essas apresentam-se para o pesquisador do sensível como desafiadoras e carregadas de possibilidades. Talvez um dos maiores desafios que esse tipo de pesquisador pode enfrentar ao lidar com fontes que exigem um olhar treinado: “[...] uma hermenêutica do olhar se faz necessária” (PESAVENTO, 2007, p. 20).

Mas qual a tipologia dessas fontes? Na busca das subjetividades, do íntimo, singular, sentimentos, emoções e sentidos; se faz necessário utilizar fontes que tenham essas marcas. Assim, é comum a utilização de registros feitos em diários de viagens, diários, na literatura, imagens, processos-crimes, música e entre outras possibilidades que trazem marcas do si. Considerando quem produz tais registros e também o local de produção, é possível analisar traços que vão além da formalidade de alguns documentos: “Tais marcas de historicidade – imagens, palavras, textos, sons, práticas, objetos – seriam o que talvez seja possível nomear como evidências do sensível. Mas, para encontra-las, é preciso uma reeducação do olhar” (PESAVENTO, 2007, p. 19).

Assim, devido alguns elementos que não são do alcance da História, é preciso pedir auxílio a outras áreas de conhecimento. A Antropologia é uma das principais nessa trajetória do pensar o sensível, além da Psicanálise, a Química, Biologia e outras que torna possível compreender aspectos que vão além dos limites da nossa área.

Um ponto que marca o sensível é justamente uma separação do objeto de pesquisa, o historiador não revive o vivenciado, não é possível resgatar os sentimentos de um outro pertencente à um tempo diferente. Por isso, lidar com as sensibilidades exige cautela ao perceber o outro. É necessário perceber as formas de sentir e de encarar a realidade dentro do seu contexto, o homem é resultante de ações de sua época. Assim, os registros fornecem marcas para se construir o estudo das sensibilidades, porém necessitam de um pesquisador que esteja preparado para lidar com suas exigências. Podemos perceber que ao mesmo tempo em que o pesquisador mergulha no seu material de pesquisa, também é necessário manter-se consciente de que aqueles registros são marcas deixadas a partir de uma percepção da realidade, ou seja, uma visão

de mundo mergulhada nas particularidades de vivência de um indivíduo ou de um coletivo.

## **A escrita**

Temos o principal elemento de discussão, a escrita do historiador que tem a capacidade de eternizar discursos, marcas, memórias e posições: “[...] O que é que o historiador fabrica quando se torna escritor? Seu próprio discurso deve revelá-lo.” (CERTEAU, 2008, p. 96). Segundo Michel de Certeau, temos uma posição, mas não apenas, temos uma fala que possui credibilidade. Por isso, a sua escrita é responsável por disseminar e influenciar opiniões, sendo sua principal ferramenta de produção.

Dessa forma, qual a modificação da escrita do historiador das sensibilidades? Pautada justamente no poder da sua escrita, o historiador ao produzir o sensível tem que lidar com questões que já lidamos no campo da História Cultural, um olhar que tenta compreender as representações e o imaginário de sujeitos distantes em um tempo e espaço. No entanto, a História das Sensibilidades nos traz um aspecto que ganha ainda maior preocupação, que são os cuidados éticos necessários ao lidar com as vivências e com a vida privada do outro. Lidar durante toda a pesquisa com os aspectos particulares de vivência do outro é um desafio, se analisarmos que o nosso objeto/ sujeito de pesquisa na maioria das vezes não pode “defender-se” dos discursos que elaboramos.

Assim, a nossa escrita é pautada em critérios rigorosos que abrangem a forma como produzimos sobre o outro, a metodologia que é dependente das nossas fontes, das indagações que elaboramos, do nosso público e dos interesses que vão do pessoal ao de terceiros.

Toda a experiência sensível do mundo, partilhada ou não, que exprima uma subjetividade ou uma sensibilidade coletiva, deve se oferecer à leitura enquanto fonte, precisando ser objetivada em um registro que permita a apreensão dos seus significados. O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva. Mais do que os fatos em si, este historiador da cultura vai tentar ler nas fontes as motivações, sentimentos, emoções e lógicas de agir e pensar de uma época, pois suas perguntas e questões são outras (PESAVENTO, 2007, p. 19).

Como nos alerta Pesavento, na nossa escrita, deve estar presente os ditos e não-ditos presentes nos registros íntimos. Salientando que para que tal produção compreenda as entrelinhas da subjetividade, é necessário saber interpretar as fontes, focando na elaboração e no meio em que foram produzidas.

### **Considerações finais**

A História das Sensibilidades se apresenta como uma nova possibilidade ao historiador de analisar seu principal objeto de pesquisa, o homem, com um olhar pautado nas subjetividades, singularidade, sentimentos e emoções:

Pensar nas sensibilidades é, pois, não apenas voltar-se para o estudo do indivíduo e da subjetividade, das trajetórias de vida, enfim. É também lidar com a vida privada e com todas as suas nuances e formas de exteriorizar – ou esconder- os sentimentos (PESAVENTO, 2007, p. 21).

Assim, ao escolher o trabalhar com o sensível, o historiador liga-se a uma área que vem da História Cultural e tem uma preocupação em analisar as representações. Lida com aspectos ignorados durante muito tempo pela historiografia: o homem em seu íntimo.

Desta forma: o campo do sensível exige um olhar treinado do pesquisador, ao estudar fontes que possuem marcas tão particulares que vão da ficção aos processos-crimes. Como bem nos aponta Corbin:

Creio que tudo que é da ordem da experiência humana é útil para o historiador, mesmo se essa experiência deriva de narrativas. Mais vale termos o maior número de experiências humanas possíveis na existência, quando nos pretendemos historiador: isso facilita a doção de uma ótica compreensiva com relação às pessoas do passado (CORBIN, 2005, p. 14).

Mas, as exigências são se concentram apenas na interpretação das fontes, na escrita, o principal meio de comunicação do historiador necessita dos aspectos que constroem uma produção pautada nos rigores acadêmicos.

Salientamos que o trabalho do historiador está pautado em seu compromisso social. É a partir deste que abandonamos aquela postura e concepção de enxergarmos o homem e suas ações como naturais. A criticidade, reflexão das ações do homem no

tempo e argumentação, são ferramentas indispensáveis para se desenvolver sua pesquisa.

Assim, a formação pessoal de criticidade e pessoas cientes de seu papel são resultantes de sua atuação na sociedade, seja nas suas produções ou aulas. O historiador possui grande relevância no processo de formação do cidadão, pessoal e permitindo as pessoas serem cientes de sua atuação no fazer a história. E ao lidar com o sensível, o historiador abrange caminhos de desafios e de possibilidades, mas a principal vantagem ao escolher essa área é a forma de visualizar o homem de outra perspectiva. Tentar perceber e analisar suas subjetividades é entrar em contato com vivências, emoções e sentimentos de uma outra época. Ao historiador das sensibilidades cabe ler as entrelinhas de espaços antes ignorados ou invisíveis. E ainda, “[...] é preciso que a história seja um prazer... Não se deve fazer história se não for com um grande prazer [...]” (CORBIN, p. 12, 2007).

Portanto, é necessário perceber as bagagens presentes ao escolher lidar com a história. Um elemento fundamental é compreender as subjetividades que circulam em nossas pesquisas, para não cometermos anacronismos. É isso que destaca Marc Bloch:

Uma palavra, para resumir, domina e ilumina nossos estudos: “compreender”. Não digamos que o historiador é alheio às paixões; ao menos, ele tem esta. Palavra, não dissimulemos, carregada de dificuldades, mas também de esperanças. Palavra, sobretudo, carregada de benevolência. Até na ação, julgamos um pouco demais. É cômodo gritar “à força!” Jamais compreendemos o bastante. Quem difere de nós — estrangeiro, adversário político — passa, quase necessariamente, por mau. Inclusive, para travar as inevitáveis lutas, um pouco mais de compreensão das almas seria necessário; com mais razão ainda para evitá-las, enquanto ainda há tempo. A história, com a condição de ela própria renunciar a seus falsos ares de arcanjo, deve nos ajudar a curar esse defeito. Ela é uma vasta experiência de variedades humanas, um longo encontro dos homens. A vida, como a ciência, tem tudo a ganhar se esse encontro for fraternal. (BLOCH, p. 128, 2001).

Dessa forma, percebemos que o historiador do sensível não pretende reviver as sensações de seu sujeito de pesquisa, mas necessita compreender as ações e o meio que rodeava seu objeto. Compreender mostra-se necessário, já que lidamos com sentir de outra época.

## **REFERÊNCIAS**

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 65-106.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: LANGUE, Frédérique (Org.). **Sensibilidades na história: memórias, singularidade e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 9-21.

VIDAL, Laurent. **Alain Corbin: o prazer do historiador**. Revista Brasileira de História. São Paulo: vol. 25, n. 49, 2005, p. 11-31.